

**OPRIMIDO E OPRESSOR, LUZ E SOMBRA, SIM-BÓLICO E DIA-BÓLICO:  
PROCESSOS DE REFLEXÃO SUBJETIVA NA METODOLOGIA DO TEATRO DO  
OPRIMIDO NA FLORESTA**

Rafael Wöss Correa (Universidade Federal do Acre - UFAC)<sup>1</sup>

Flavio da Conceição (Universidade Federal do Acre - UFAC)<sup>2</sup>

**RESUMO:**

A pesquisa faz uma passagem por conceitos como Oprimido e Opressor, Luz e Sombra, *Sim-bólico* e *Dia-bólico*, discutindo sobre as dualidades que eles representam. A partir dessa análise, o texto adentra na importância das complexidades humanas, desenvolvidas por Leonardo Boff (1998), das formas de Libertação, apresentadas por Paulo Freire (1996), e dos Conjuntos e Unicidade, desenvolvidos por Augusto Boal (2009). Esses conceitos auxiliam a pensar na organização humana além de um esquema do sistema hegemônico, acessando reflexões que entrecruzam com profundidades existenciais. Nesse caminho, as vivências da floresta passam a ter maior relação com os conteúdos apresentados, proporcionando ensinamentos de Krenak (2019), que oportunizam *Alfabetizações Sensíveis* (BOAL, 2009), ligadas a subjetividades múltiplas. Dessa forma, pudemos no texto problematizar maniqueísmos e acessar pontos de vista mais complexos de expressões importantes no Teatro do Oprimido.

**PALAVRA-CHAVE**

Estética do Oprimido; Complexidades; Subjetividades

**RESUMEN:**

La investigación pasa por conceptos como Oprimido y Opressor, Luz y Sombra, *Sim-bólico* y *Dia-bólico*, discutiendo las dualidades que representan. A partir de este análisis, el texto explora la importancia de las complejidades humanas, desarrolladas por Leonardo Boff

---

<sup>1</sup> Formado em Letras. Estudante do curso de Licenciatura em Teatro - UFAC, 6º período, orientado por Flavio da Conceição. Bolsista PIBIC/UFAC, terceiro ano de pesquisa. Ator e palhaço malabarista de rua.

<sup>2</sup> Professor Efetivo do Curso de Artes Cênicas e PPGAC da UFAC. Ator, diretor e Curinga de Teatro do Oprimido.

(1998), las formas de Liberación, presentadas por Paulo Freire (1996), y Conjuntos y Unidades, desarrolladas por Augusto Boal (2009). Estos conceptos ayudan a pensar la organización humana más allá de un esquema del sistema hegemónico, accediendo a reflexiones que se cruzan con profundidades existenciales. De esta manera, las experiencias del bosque comienzan a tener una mayor relación con los contenidos presentados, brindando enseñanzas de Krenak (2019), que brindan oportunidades para la Alfabetización Sensible (BOAL, 2009), vinculada a múltiples subjetividades. De esta manera, pudimos en el texto problematizar el maniqueísmo y acceder a puntos de vista más complejos de expresiones importantes en el Teatro del Oprimido.

## **PALABRA CLAVE**

**Estética del oprimido; Complejidades; Subjetividades**

## **INTRODUÇÃO:**

A pesquisa aqui desenvolvida tem como principal elemento o estudo sobre o material de pedagogia teatral, relacionado a Augusto Boal, Paulo Freire e Leonardo Boff. O questionamento sobre as dualidades nos coloca em contato com elementos pedagógicos, teatrais e teológicos que há muito tempo vêm desenvolvendo materiais de problematização sobre a organização social vigente.

Nos comunicamos em linguagens que são oferecidas socialmente ao longo da vida, mas deixamos de acessar as maneiras que elas são criadas, naturalizando seus processos mesmo não entendendo o porquê de suas organizações. Como Boal (2009) afirma, a Palavra, a Imagem e o Som estão na construção da comunicação sensível e simbólica utilizadas pelo sistema de dominação, por isso é essencial o questionamento desses instrumentos e o levantamento de situações mais complexas conectadas com nossas sensibilidades, acessando uma Alfabetização Sensível que possibilite a reflexão sobre determinadas temáticas.

Por meio desse caminho, sentir e analisar os conteúdos das práticas desenvolvidas em relação ao oprimido é fundamental, pois assim podemos problematizar apropriações que o sistema fez desses materiais, aprendendo com suas profundidades e não com a superficialidade maquiada. Dessa forma, é essencial revisitar essas ideias de libertação e de complexidade, aliados aos conceitos da floresta, como os trazidos por indígenas, seringueiros,

ribeirinhos, pelas plantas e animais, entrecruzando esses ensinamentos com discussões, entre pesquisas e experiências no campo do Teatro do Oprimido.

Entrar em situação de pandemia com o Covid-19 também ocasionou em um aprofundamento humano que necessitamos refletir. A forma de vivência virtual, com a carência do contato mais próximo, nos obrigou a conhecer elementos de memória e de imaginação que nos mostram a possibilidade de conexão que temos, sentindo a outra pessoa mesmo a partir de telas, acessando interligações existenciais. Essa situação de pandemia nos indicou que nossas conexões vão além de cabeamentos e antenas, enfraquecendo elementos de propriedades materiais difundidas pelo modelo capitalista. A vivência a partir da terra, das conexões energéticas, vai além de uma globalização sistêmica, oportunizando aproximações de conceitos defendidos pelos povos tradicionais, nos quais somos conectados existencialmente, com todas as formas de materialidades e imaterialidades.

Essas situações nos colocam em contato diretamente com a temática desse texto, na qual podemos conhecer essas expressões, tanto na forma que o sistema às fixa, em significações exatas, quanto em suas formas mais diluídas, como ilusões que criamos para podermos nos comunicar, com seus sentidos mais profundos e complexos. A partir dessas implicações “Oprimido e Opressor, Luz e Sombra, *Sim-bólico* e *Dia-bólico*: processos de reflexão subjetiva na metodologia do Teatro do Oprimido na Floresta” pode ser um material que nos possibilite investigar e conhecer sistemas profundos, que estão em intersecção com determinadas construções sociais.

## **OPRIMIDO E OPRESSOR**

Augusto Boal (2009) em seu livro "Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas" dedica um capítulo para o conceito que alicerça essa pesquisa, Oprimido e Opressor. No texto Boal argumenta sobre o conceito de Oprimido, expondo que a metodologia do Teatro do Oprimido tem como ponto central o que o próprio nome suscita, o Oprimido, elencando assim alguns elementos essenciais para essa colocação, como por exemplo, a desvalorização da vida dessas pessoas pelo sistema social vigente, que dificulta o processo delas acessarem suas potencialidades.

O protagonismo do Oprimido no TO é semelhante ao de outras filosofias organizadas a partir da América Latina, onde a fala do Oprimido é valorizada e seu ponto de vista permeia toda a práxis. Assim se dá na Teologia da Libertação, na qual alguns de seus membros, como Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff, lembram o lema "preferência aos pobres" como ponto de

referência do movimento. Na Pedagogia do Oprimido, desenvolvida por Paulo Freire a partir da alfabetização de jovens e adultos, a experiência do oprimido é o alicerce de toda práxis pedagógica.

As práticas relacionadas ao Teatro do Oprimido, que são organizadas na *Árvore do TO*<sup>3</sup>, possuem uma metodologia cujo o Oprimido é o tema central. Dessa forma, as reflexões sobre Oprimido e Opressor, relações de poder e superação da opressão vão sendo postas na medida em que as técnicas como Teatro Jornal, Teatro Imagem, Teatro-Fórum, Teatro Invisível e Teatro Legislativo vão sendo experienciadas, dependendo da elaboração dos participantes da vivência. Práticas como essas possuem elementos que possibilitam ao oprimido analisar situações de opressão e agir em relação a elas, saindo da situação de espectador para *espect-ator*, com condições para atuar de forma real na própria vida, depois de experienciar no teatro determinada situação. No Teatro-Fórum, por exemplo, é apresentada uma peça na qual depois de finalizada poderá ser reapresentada, mas com o *espect-ator* no papel do oprimido, realizando na própria ação teatral alternativas de enfrentamento da situação de opressão. Sobre essa experiência Boal explica:

A imagem é ficção, mas quem a transforma não é. Penetrando nesse espelho, o ato de transformar transforma aquele ou aquela que o pratica. Um poeta se faz poetando, um escritor escrevendo, um compositor compondo, um professor ensinando e aprendendo, um Curinga curingando – um cidadão se faz agindo, social, política e responsabilmente. O ato de transformar é transformador! (BOAL, 2009, p. 190)

A partir dessa ação a pessoa desenvolve um ambiente em si no qual ela poderá agir, auxiliando assim a realização dessa situação em um caso concreto. Nessa ação ocorre a desnaturalização e desmistificação, com o *espect-ator* visualizando a estrutura do acontecimento, com a oportunidade de agir sobre e de fazer parte da ação de outros participantes.

Segundo Iná Camargo Costa (2017) as práticas do Teatro do Oprimido possuem inspiração no *Agitprop*, organizado e praticado a partir de 1917 pelo exército vermelho, o qual artistas proporcionavam o estudo da tropa sobre questões a serem trabalhadas. Boal, em suas pesquisas com o teatro, potencializou as práticas do teatro engajado ao relacioná-las com a temática do Oprimido, aperfeiçoando sua teoria ao passo que enfrentava desafios em

---

<sup>3</sup> A *Árvore do Teatro do Oprimido*, segundo Boal(2009) tem como organização a seguinte composição: a terra, com Ética e Solidariedade como seiva; as artérias axiais, como raízes, são as Palavras, Imagens e Sons; o tronco, com jogos lúdicos como processo prático; o Teatro Imagem, que fica acima dos jogos e dá acesso às copas Teatro Jornal e Arco Íris do Desejo; a parte do tronco acima do Teatro Imagem, que é nomeada como Teatro Fórum, e dá acesso às copas Teatro Invisível e Teatro Legislativo e à copa soberana Ações Sociais Concretas e Continuadas; e o passarinho que é o multiplicador dos aprendizados dessa árvore.

complicações no Brasil, com sua prisão e tortura, na América Latina com a perseguição política até chegar ao exílio na Europa. Nesse percurso, Boal adentrou em conceitos da educação, na alfabetização, junto com Paulo Freire no Peru, no qual o Teatro-Fórum foi ganhando forma. Na Argentina, durante o exílio e a ditadura argentina, o Teatro Invisível foi uma prática que auxiliou o teatrólogo a trabalhar no país, aprimorando-a. Na França, Boal experienciou aspectos mais psicológicos, percebendo que a situação social da época gerava nas pessoas algo diferente do que era visto na América Latina, na qual as pessoas precisavam se preocupar com as necessidades básicas, com luta corporal constante, em época de repressão física. Na Europa Boal foi percebendo que a repressão era psicológica, como o autor diz, a polícia estava na cabeça. A partir daí Boal (1996), em diálogo com o psicodrama, criou as técnicas introspectivas organizadas no livro *Arco-Íris do Desejo*, que possibilitaram a elaboração de elementos no campo psicológico. Neste livro Boal fortalece o pensamento sobre a complexidade humana, refletindo sobre a Pessoa, o Teatro, o Ator, o Espaço Cênico e o Estético, sempre trazendo à tona as subjetividades desses conceitos para aprofundar ainda mais as questões que surgem nas oficinas, elementos que vão para além das fisicalidades. Nesse contexto, Boal levanta “a dimensão afetiva e a dimensão onírica, proporcionadas pela memória e pela imaginação.” (BOAL, 1996, p. 32)

Com toda a particularidade que o TO foi desenvolvendo, suas metodologias se distanciaram do que era feito pelo *Agitprop*, mas ainda em muitos momentos podem haver aproximações, quando assumem ações políticas com intuítos mais diretivos, sem possibilitar aprofundamentos na multiplicidade do ser.

Na medida em que a metodologia do TO se desenvolve, Boal (2009) vai adentrando em questões mais complexas do ser humano, elaborando a Estética do Oprimido e nela se aprofundando nas reflexões sobre Pensamento Sensível, Neurônios Estéticos e “ser humano é ser artista” (p.19), conceito adaptado do que antes o autor trazia como “ser humano é ser ator”. Para acessar esse “ser artista”, o qual o ser humano tem suas potências, é fundamental quebrar não só mecanizações sensíveis e simbólicas impostas pelo sistema, mas também naturalizações que podemos encontrar em algumas simplificações, que criamos para nos comunicar.

Um outro elemento citado por Boal (2009) no texto “Oprimido e Opressor” é o de que o ser humano tem dentro de si oprimidos e opressores, o que vai depender do contexto e das ações para com a sociedade e o próximo. Há alguns opressores antagônicos, aqueles que não se abrem para o diálogo. Nesses casos o TO assume uma posição de enfrentamento a favor

dos oprimidos e contra qualquer ação opressiva. A proposta essencial do TO é a abertura de espaços de diálogo na construção de uma sociedade sem opressões. Uma utopia, a princípio...

Discutiremos aqui, ao longo do texto, um ponto que tem relação com essa conexão entre Oprimido e Opressor, fugindo do maniqueísmo e da dicotomia, que pode tirar toda a complexidade de nosso debate. Aprofundaremos no fato de serem elementos ligados ao próprio humano e por isso mais complexos. Para Leonardo Boff, a complexidade é pensada da seguinte forma:

Todos esses pares são expressões da complexidade de uma mesma e única realidade. Complexidade é uma das características mais visíveis da realidade que nos cerca. Por ela queremos designar os múltiplos fatores, energias, relações, inter-retro-reações que caracterizam cada ser e o conjunto dos seres do universo. Tudo está em relação com tudo. Nada está isolado, existindo solitário, de si e para si. Tudo co-existe e inter-existe com todos os outros seres do universo. (BOFF, 1998, p.20)

Apesar dessa problematização, continuamos na linha construída por Boal, com o Oprimido como foco, porém entendemos este como um ser complexo e por isso ambos, Oprimido e Opressor, estão constantemente surgindo ao longo de nossas vivências. Deixar de observar o opressor existente no oprimido pode ocasionar abrir mão dos elementos sensíveis que existem em nós, camuflados, ao invés de entendê-los e, a partir da consciência dessas existências, acessar maneiras de construir nossa humanidade em desmecanização.

Partindo dessa ideia e adentrando na construção humana, é fundamental relembrarmos como, no livro “Arco Íris do Desejo”, Boal(1996) discorre sobre os elementos subjetivos que estão nessa construção humana, que são a memória e a afetividade. Elementos importantes de entendermos e conectarmos aos conceitos de Oprimido e Opressor:

A memória se constitui de todas as sensações, emoções e idéias que, ao menos uma vez, já foram tidas ou sentidas, e permanecem registradas. "Eu me lembro!" estamos no reino do real. Isto aconteceu! Isto eu senti! Isto foi assim! (Chamo a atenção do leitor para o fato de que Eu me lembro! é um ato solitário; lembro que pressupõe um diálogo.) A imaginação, ao contrário, é um processo amalgâmico de todas essas idéias, emoções e sensações. Estamos no reino do possível considerando-se que é possível pensar impossibilidades. A imaginação, que é o anúncio ou prenúncio de uma realidade, é, já em si mesma, realidade. Memória e imaginação fazem parte do mesmo processo psíquico: uma não existe sem a outra - não posso imaginar sem ter memória, e não posso lembrar sem imaginação, pois a própria memória já faz parte do processo de imaginar (imagino ver o que vi, ouvir o que ouvi, repensar o que pensei etc.) Uma é retrospectiva e a outra, prospectiva. A memória e a imaginação projetam sobre o Espaço Estético - e dentro dele - as dimensões subjetivas ausentes do espaço físico: a dimensão afetiva e a dimensão onírica. (BOAL, 1996, p. 35)

Como já vimos neste texto anteriormente, Boal apresenta, a partir da imaginação e da memória, espaços que criamos que não são físicos, chamados de Espaços Estéticos, junto com sentimentos que passam por esses espaços a partir das ações, em determinadas situações. Pensar nessa qualidade de desenvolvimento humano nos possibilita adentrar em campos subjetivos, nos auxiliando assim a refletir sobre os caminhos que aqui trilhamos. O desvelar de profundidades, como Boal expõe, nos encaminha para outros elementos que estão nesse campo, como é o caso do sonho e do afeto. Entender como somos afetados cotidianamente nessas dimensões, se questionando dentro delas, nos possibilita uma maior compreensão sobre essas complexidades.

Paulo Freire, quando traz o processo do Oprimido, aponta a necessidade de se unir a outros oprimidos para florescer um trabalho cooperativo, tendo consciência de sua situação e construindo um novo espaço, no qual ele possa adentrar no “ser mais” de suas potências humanas. Segundo o autor, é a partir da força do Oprimido que pode ocorrer a libertação, tanto do Oprimido quanto do Opressor. O “ser mais”, para o pedagogo, é uma vocação humana que se dá não no individualismo, que o sistema naturaliza como um ter mais, mas na natureza humana, que não impede o outro de ser também, ao contrário, o potencializa. Dessa forma a pessoa poderá acessar as suas potências, como um ser inacabado e esperançoso.

Sobre a relação entre Oprimido e Opressor o pedagogo lança a situação que muitas vezes pode ocorrer dentro da complexidade das relações em sistemas desumanos:

Na “imersão” em que se encontram, não podem os oprimidos divisar, claramente, a “ordem” que serve aos opressores que, de certa forma, “vivem” neles. “Ordem” que, frustrando-os no seu atuar, muitas vezes os leva a exercer um tipo de violência horizontal com que agredem os próprios companheiros. É possível que, ao agirem assim, mais uma vez explicitem sua dualidade. Ao agredirem seus companheiros oprimidos estarão agredindo neles, indiretamente, o opressor também “hospedado” neles e nos outros. Agredem, como opressores, o opressor nos oprimidos. (FREIRE, 1987, p. 27)

Oprimidos que agem como opressores, mas que são tratados como oprimidos e que quando oprimem agredem o opressor dentro de si. Essa mistura de situações fortalece a importância de trabalharmos determinados termos, correndo o risco, caso esse questionamento não ocorra, de simplificarmos agindo de forma mais instintiva.

A partir dessas implicações, podemos acrescentar mais um ponto: o de que faz parte da complexidade humana nos organizarmos em sistemas sociais, que agem diretamente na construção do ser. Como Vygotsky(1991) afirma, o ser humano se constrói dentro do processo social, nascendo como um ser dependente do outro e se desenvolvendo a partir

dessas relações. Paulo Freire (1996) cita uma característica importante do ser humano, que o possibilita se construir como ser social, nas constantes vivências em cooperação, tal como vemos no excerto: “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.” (FREIRE, 1996, p. 23) Esse ser inacabado, quando não sabe de sua situação, coloca o processo de vida em complicações por se deslocar de sua própria consciência de realidade, podendo entrar em formatos criados por um sistema de consumo. Conseqüentemente, esse ser corre o risco de seguir elaborações das quais ele é alheio, acreditando ser alguém pronto, sem privilégios ou prejuízos, que está em determinada situação por merecimento.

## **LUZ E SOMBRA**

Ao nascer, olhamos o que nossos olhos alcançam e nada vemos: apenas a cor cinza. Na medida em que nosso nervo ótico começa a ser estimulado por luz e sombra, organizamos nossa percepção visual distinguindo retas e curvas, profundidades e cores. Quando deixamos de olhar tudo ao mesmo tempo é quando realmente começamos a ver – vemos conjuntos: curvas e retas, profundidades e cores. (BOAL, 2009, p. 97)

Luz e sombra. Quando falamos desses termos normalmente nos deparamos com elementos no campo da materialidade, como Boal levanta no trecho acima, com a nossa visão participando desse processo de conhecer o mundo. É a partir dessa fisicalização que começamos a pensar como a visão depende da existência dessas significações juntas, luz e sombra, para podermos desenvolver nossa percepção sobre as coisas. Da mesma forma, quando essas expressões acessam atmosferas mais subjetivas, uma não deixa de ter conexão com a outra, nos proporcionando, ao pensar na luz, refletir também sobre a sombra, para termos percepções mais profundas sobre nossas complexidades existenciais.

Para adentrar nessa questão, iniciemos com Paulo Freire, que nos propõe um cuidado que o oprimido deve tomar, sendo o de, ao lutar contra a opressão, não se tornar o opressor, como já vimos neste texto. É nesse ponto que o autor introduz a Sombra, a qual implica na organização deixada pelo próprio opressor e reconhecida como maneira de viver socialmente pelo oprimido, como é complementado no trecho:

Os oprimidos, que introjetam a "sombra" dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, a medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que “preenchessem” o “vazio” deixado pela expulsão, com outro “conteúdo” – o de sua autonomia. O de sua responsabilidade, sem o que não seriam livres. (FREIRE, 1987, p. 18)

Essa sombra, ao longo do livro “Pedagogia do Oprimido” passa por várias etapas, mostrando pontos de vista que o poder da opressão pode assumir, dificultando o caminho de Libertação. Dois dos nomes dados a essas fases são: Consciência hospedeira e autodesvalia. Tais situações vão realizando funções de fechar o oprimido em ilusões e perpetuar um sistema de desumanização, no qual o sujeito não percebe uma possibilidade de sair da situação opressora. Quando aparece uma alternativa de libertação, muitas vezes, essa se organiza de forma equivalente ao mecanismo opressivo, já que o oprimido hospeda dentro de si valores que o reprimem.

A partir do conceito de sombra, podemos refletir sobre outras orientações que essa expressão pode assumir, como é o caso das reflexões de Carl Gustav Jung, que a considera como emoções escondidas e não desejadas por nós. O psicólogo considera que quando ignoramos tais sentimentos, julgando-os como ruins e por isso não os reconhecendo como parte de nós, esse sentimento/sombra passa a fazer parte do nosso inconsciente, retornando em projeções que fazemos diariamente, nas outras pessoas. Desta forma as sombras alimentariam um Inconsciente Coletivo, fortalecendo ações que acreditamos não fazer parte de nós.

Imageticamente pensando, como já citamos aqui, outro conceito que faz parte dessa sombra é a noção de luz, que possibilita outros campos dos sentidos, mais próximos da atmosfera do oprimido do que do opressor. Em Paulo Freire, os sentidos desenvolvidos nessa imagem de luz têm relação com Autonomia, Libertação, Ser Mais, curiosidade epistemológica, prática educativo crítica, consciência de Inacabamento, esperar, entre outros, termos que proporcionam o aprofundamento nas ideias de humanização, como podemos analisar no trecho:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. (FREIRE, 1996, p. 18-19)

Adentrando em símbolos que proporcionam reflexões sobre uma Educação Libertadora, Paulo Freire oportuniza uma investigação do que é desenvolvido em seus textos, como em um percurso dialético. Assim, em Pedagogia da Autonomia, somos convidados, em

cada trecho do livro, a pensar de um ponto de vista diferente sobre a temática educacional, acessando elementos mais complexos. Pertencente a esses caminhos está o “assumir-se”, que podemos identificar na própria ação de perceber a sombra em nós, ou nos percebermos na sombra, agindo a partir dela. Esse “assumir” é uma das etapas fundamentais na autonomia e que podemos, a partir dele, desvelar várias camadas da opressão, percebendo oprimidos e opressores, com consciência de nós em caminhos de sombra e de luz e nos assumindo como sujeitos complexos.

Junto com essa ação de se perceber, Freire (1996) discorre sobre a Consciência do Inacabamento, na qual a pessoa se observa em constante construção no mundo, com o agir sobre o mundo. Se reconhecendo, com a consciência de sua forma de ser, a pessoa constata a possibilidade de criar com a outra, de sonhar, de ter esperança. Dessa forma, o ser determinado, para uma sociedade de competições, entra em um caminho de cooperatividade e se altera, em constantes aprendizados, iniciando em uma mudança de objeto para sujeito da história.

Esse processo que aqui chamamos de luz tem como principal eixo a Libertação, que para o autor faz parte de um conjunto de ações, qualidades e habilidades que o oprimido desenvolverá, para assim sair da situação de opressão. O autor discorre sobre esse movimento da seguinte forma:

Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 1987, p. 17)

Dessa maneira, a conscientização vai se construindo e junto com ela a movimentação prática, desenvolvendo assim o espaço da práxis. Complementando esse pensamento de Freire, Boff elucidada: “É só pela libertação que os oprimidos resgatam a auto-estima. Refazem a identidade negada. Reconquistam a pátria dominada. E podem construir uma história autônoma, associada à história de outros povos livres.” (BOFF, 1997, p. 6)

### ***SIM-BÓLICO E DIA-BÓLICO***

O teólogo Leonardo Boff em o “Despertar da Águia” introduz o questionamento a partir de uma metáfora sobre águia e galinha, que nos possibilita discussões e reflexões ao

longo de seu livro. Na história, originalmente contada por James Aggrey, uma águia se via como galinha e vivia junto com outras galinhas, até o momento de alguém proporcionar a ela um ensinamento sobre sua possibilidade existencial de ser águia, desvelando, a partir do topo de uma montanha, a luz do sol. Quando a águia viu tamanha luminosidade suas potências foram despertadas e, seguindo seus sentidos, ela abriu asas e passou a viver diante de suas novas possibilidades, com sua verdadeira essência - de águia.

Essa história é contada em seu livro para introduzir a sugestão de dualidade na existência humana, que é a condição de galinha e de águia. Sobre essa questão Boff introduz:

Ao ver uma galinha e uma águia, você vai ver mais que uma galinha e uma águia. Você vai se confrontar com duas dimensões fundamentais da existência humana. A dimensão do enraizamento, do cotidiano, do prosaico, do limitado: o símbolo da galinha. A dimensão da abertura, do desejo, do poético, do ilimitado: o símbolo da águia. (BOFF, 1997, p. 1)

Muitas vezes a dimensão galinha é a única revelada, com as potências do ser negadas, dificultando assim o conhecimento de elementos mais profundos em nossa existência. Para a elaboração também da dimensão de águia, os espaços que nos conectam com a luz, com o sol, que vão além da limitação do “galinheiro”, podem ser essenciais, nos reconectando ao nosso “ser mais” e ampliando a nossa perspectiva de sentir.

Nessa simbologia de águia e de galinha, Leonardo Boff faz um paralelo com outras figuras que nos auxiliam a entender nossa existência humana, assim como trazemos aqui o Oprimido e o Opressor, a Luz e a Sombra. Continuando nessa reflexão e acessando espaços além do subjetivo e do social, o autor propõe conexões energéticas simplificadas em expressões. Duas delas utilizadas para adentrar nessa complexidade são: *Sim-bólico* e *Dia-bólico*.

O *Sim-bólico* de Boff tem origem no grego antigo *sybállein*, que significa congregar, reunir, trazer para perto. “Literalmente significa: lançar as coisas de tal forma que elas permaneçam juntas. Num processo complexo significa re-unir as realidades, congregá-las a partir de diferentes pontos e fazer convergir diversas forças num único feixe.” (BOFF:1998, p. 11). Nesse caso, esse termo é associado aos elementos da águia, a qual tem a possibilidade de acessar a terra, o ar e o céu, com as energias desses espaços, se conectando a elas no seu caminho de vida. A partir desse conceito, podemos pensar além dos sentimentos individualizados, acessando maneiras de nos encontrarmos como seres complexos, coletivos e cooperativos. Dessa forma, nos aproximamos da conexão com os vários elementos existentes no Cosmo, dos equilíbrios mais profundos.

Boff também nos oferece, em contraponto, o conceito de *dia-bólico* que “provém de *dia-bállein*. Literalmente significa: lançar coisas para longe, de forma desagregada e sem direção; jogar fora de qualquer jeito. *Dia-bólico*, como se vê, é o oposto do *Sim-bólico*. É tudo o que desconcerta, desune, separa e opõe.” (BOFF: 1998, p. 12) Essa separação tem ligação com o movimento de caos, que está relacionado com o cosmo, antes de atingir o equilíbrio. É nesse sentido que entra a metáfora da galinha, que, limitada no espaço e no tempo, procura sua sobrevivência diária, alienada das possibilidades que a natureza de seu ser pode proporcionar.

O equilíbrio e o desequilíbrio estão acontecendo constantemente em nossa existência, individualmente, coletivamente e cosmologicamente. É importante observarmos como esses questionamentos contínuos entre situações mais pessoais, relacionados a momentos cooperativos e também a esferas universais, nos possibilitam aprofundamento sobre os aspectos sensíveis nos quais o teatro está envolvido. Quando trabalhamos com Teatro do Oprimido é essencial estarmos abertos ao Sensível e ao Simbólico, para, nessas alfabetizações, adentrarmos em construções que vão nos oportunizando formas de libertações conscientes, viabilizando assim perceber processos caóticos, opressores e de sombra, que podem emergir nas diversas situações.

## **A COMPLEXIDADE HUMANA**

Oprimido e Opressor, Luz e Sombra, *Sim-bólico* e *Dia-bólico*, palavras que designam elementos, indo além da materialidade e nos fazendo viajar pelo campo subjetivo. São formas que temos para nos comunicar, na superficialidade, mas que possuem profundidades tanto no emissor, quanto no receptor, ambos em ativa movimentação interna. Como Boal (2009) expõe em *Estética do Oprimido*, mesmo as palavras sendo indispensáveis no diálogo, elas perdem uma boa parte de seus significados, quando estão no caminho entre uma pessoa e outra, valendo as experiências de cada uma em suas novas significações. Os signos linguísticos fazem parte do que Boal chama de simplificação, da qual discorre:

Embora simplificações excluam complexidades, realizamos o processo psíquico da formação de conjuntos para poder nos guiar, viver neste mundo e na sociedade. Somos obrigados a nos afastar do real para sermos capazes de percebê-lo, ainda que de forma aproximada. (BOAL, 2009, p. 97)

Dessa forma, nos afastamos das profundidades dos sentidos que podem provocar uma imobilidade em nós, por sua infinitude, e elaboramos símbolos como mediadores, que nos possibilitam agir sobre esse mundo. Esse é um processo importante do ser humano de sobrevivência, que tem relação com o desenvolvimento do que Vygotsky(1991) chama de “Funções Psicológicas Superiores”, das quais a linguagem faz parte. Segundo o psicólogo, esses elementos vão se desenvolvendo no ser humano conforme a sua fase, indo do externo, da relação com os objetos reais, para a complexidade, a internalização, com a imaginação, a fantasia. Nas funções superiores se encontram os conceitos, que possibilitam constantes construções e desconstruções, nos ajudando no desenvolvimento entre teoria e prática e valorando a vida. Nesse caminho axiológico separamos valores que têm relação tanto com nossa inserção no social, quanto com nosso desenvolvimento biológico.

Seguindo na concatenação aqui elaborada, é essencial enfatizar que toda essa organização é gerada pelo ser humano em um processo de sobrevivência e que tudo isso pode estar relacionado com divergentes conhecimentos de mundo, que se englobam em sistemas sociais. Os valores de cada sistema se relacionam com as ações que adotamos e, desmistificando-os, é fundamental quebrarmos naturalizações destes e refletirmos sobre todas as nossas criações de metáforas. Tomando consciência da existência de tais situações, podemos adentrar em valorações que nos possibilitem ser éticos, fraternos, solidários e cooperativos. Sobre esse processo que criamos dentro dessa organização que chamamos de mundo, Paulo Freire elucidada:

No momento em que os seres humanos, intervindo no suporte, foram criando o mundo, inventando a linguagem com que passaram a dar nome às coisas que faziam com a ação sobre o mundo, na medida em que se foram habilitando a entender o mundo e criaram por conseqüências a necessária comunicabilidade do entendido, já não foi possível existir a não ser disponível à tensão radical e profunda entre o bem e o mal, entre a dignidade e a indignidade, entre a decência e o despudor, entre a boniteza e a feiúra do mundo. Quer dizer, já não foi possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. E tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da prática formadora, de natureza eminentemente ética. E tudo isso nos traz de novo à radicalidade da esperança. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las (FREIRE, 1996, p. 22)

Nesse percurso, criando essas tensões entre esses elementos, o ser humano foi desenvolvendo no tempo formas de valorar as coisas, de adotar escolhas, de conviver em sociedade. Mas é importante alertar para o fato desses processos serem ilusões, serem, como o próprio Boal reforça, aparências do real, obras do nosso imaginário, que perde a riqueza das diferenças e das identidades. Esses elementos não representam a complexidade de cada

sentimento, de cada ação, embora nos ajudem na comunicação. Imergir nesses signos, esquecendo dessa questão, pode produzir espaços danosos na própria profundidade humana. Boal nos alerta sobre o cuidado com essas significações quando enuncia:

Palavras são perigosas – cuidado! Designam conjuntos, mas ignoram unicidades. Negros e brancos, homens e mulheres, proletariado e campesinato são conjuntos criados pelo pensamento e pela imaginação, inspirados em realidades sensíveis, mas que não existem como concreção física. São, mas não existem. O que existe corporeamente é este negro e aquela branca, esta mulher e aquele homem, esta camponesa e aquele operário. (BOAL, 2009, p. 101)

Estarmos alertas a essa situação é fundamental, correndo o risco, caso deixemos de lado determinada percepção, de entrar em desumanização do outro e de nós mesmos, acreditando ser natural. Entrar nos questionamentos constantes sobre Oprimido e Opressor, Luz e Sombra, *Sim-bólico* e *Dia-bólico* faz parte do nosso processo de Desmecanização e de Libertação, por possibilitar o desvelar de maniqueísmos sociais, entendendo como, em trabalhos com determinados elementos, podemos acessar a complexidade humana. Percebendo essas duplicidades como dicotomias elaboradas em nossa existência, nos aproximamos das subjetividades nas conceituações, com consciência de funções da simplificação.

Leonardo Boff, ao longo de seus estudos, nos possibilita refletir sobre situações de povos oprimidos, como faz ao inferir quanto a opressão que ocorreu na colonização, na qual culturas foram negadas a partir de ações opressoras, que se viam como superiores. Esse movimento de imposição cultural em uma perspectiva de mundialismo, de colonização e de globalização, coloca povos que possuem suas particularidades regionais em risco, dificultando seus processos de conexões com libertações energéticas. Boff vê no espírito a potência para a criatividade, a resistência, a libertação, tendo cada cultura a sua força de trabalhar essa questão, ação que foi e continua sendo negada aos vários povos que não seguem o modelo imposto. Uma dominação tanto do corpo como do espírito.

Airton Krenak, nesse sentido, também proporciona a reflexão sobre o tipo de humanidade que esse sistema social que vivemos impõe, questionando a dominação da terra e a separação dela com o ser humano. Desta forma, em “Ideias para adiar o fim do mundo”, o autor propõe aprender com os povos tradicionais, que vêm resistindo há tanto tempo, em suas práticas com a floresta, sendo todos parte da natureza, como ele levanta:

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte

prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. ( KRENAK, 2019, p. 18)

A partir dessa reflexão, Krenak nos oportuniza pensar na arte como uma maneira de construir conexões que nos possibilitem esperar, atividade levantada por Paulo Freire (1996) como fundamental na nossa particularidade de ser inacabado, sonhando e ampliando o nosso horizonte no campo existencial. “Suspende o céu” pode servir como metáfora da resistência constante que a arte nos possibilita, quando adentra na humanização. Nesse contexto, o Teatro do Oprimido desenvolve espaços subjetivos fundamentais, quando coloca como base a Ética e a Solidariedade, que são raízes da prática. A expressão “Ser humano é ser artista” (BOAL, 2009, p. 19) também é essencial nessa consideração, na qual a desmecanização tem relação com a humanização, nos conectando a processos importantes em nossa complexidade.

A metodologia proposta por Boal desponta como práxis legítima para potencializar elementos de nossas humanidades em sociedade. Para isso, a metodologia tem como fundamento a seguinte ideia, exposta pelo autor:

Não leva a cultura ao povo, mas oferece meios estéticos necessários para o desenvolvimento da sua própria cultura, com seus próprios meios e metas. Não apenas educa nos elementos essenciais do como se pode fazer, mas, pedagogicamente, estimula os participantes a buscarem seus caminhos (BOAL, 2009, p. 166)

A partir dessas concepções, o Teatro do Oprimido se distancia de uma prática mais próxima do teatro engajado, na qual a ação é mais diretiva, e trabalha em um processo dialógico, que também aborda a consciência política, mas que se relaciona com a complexidade humana. Por esse motivo, as discussões deste artigo se mostram em sua importância, problematizando situações que fazem parte das particularidades das discussões boaleanas e levantando elementos que podem fortalecer essa práxis.

Em vista da complexidade aqui apresentada, é fundamental refletir sobre questões que nos possibilitam ir além do que a discussão do Capital fornece sobre ser humano e, para isso, Krenak nos elucida:

Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso

talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente. (KRENAK, 2019, p. 17)

Ouvir as pedras, as montanhas, a floresta, as energias dos espaços, questionar as palavras, nos comunicar com o Oprimido e o Opressor dentro de nós, são práticas que nos viabilizam desconstruir os tipos de humanidades naturalizadas pelo sistema social que vivemos. Se conectar a tais ações, junto com a movimentação do ser artista que assumimos, nos oportuniza horizontes de experimentações, dentro da complexidade do ser vivo. Assim, somos convidados a encontrar outras humanidades em nós, que estão mais próximas do interligar com outras energias fluentes em nossas existências.

## CONCLUSÃO

Estar com aquela turma me fez refletir sobre o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem —, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2019, p. 10)

O que somos? Quais as nossas ligações? Qual a nossa relação com as formações de símbolos que utilizamos? Essas questões nos auxiliam a pensar sobre as problematizações desenvolvidas por Krenak, quando aponta um tipo de humanidade que é imposta e naturalizada ao longo do nosso tempo de vida. Signos que são importantes para nos comunicar, mas que ao mesmo tempo apagam outras formas de viver que não são relacionadas à dominante. Por essa complexidade, a reflexão sobre as palavras é extremamente importante, desenvolvendo aberturas para criar espaços de entendimentos sobre significações e assim ir quebrando naturalizações nas nossas formas de nos comunicar.

Nesse texto nos detemos nesse movimento de palavras, o qual, muitas vezes, é encontrado nas literaturas que nos auxiliam em processos de libertação. Apesar desse material de movimentação ser fundamental, é importante também o constante questionamentos sobre ele, como foi apontado aqui ao longo dos levantamentos. Suas significações estão dentro de um sistema social e por isso algumas interpretações podem acessar exatidões que geram um ciclo de opressão contrário do intencionado.

Por razões como essas, as experiências com o Gesto da Floresta<sup>4</sup> têm nos auxiliado no entendimento de tais profundidades. Como percebemos nas oficinas práticas, essas vivências têm nos possibilitado refletir sobre as palavras, imagens e sons, conhecer humanidades e assim reconstruir símbolos, que farão parte desse nosso sistema fluido de comunicação e libertação das opressões.

Desta forma, este artigo intenciona refletir sobre as dualidades presentes em nossas comunicações, a partir de Oprimido e Opressor, Luz e Sombra, *Sim-bólico* e *Dia-bólico*, procurando assim desenvolver um material sobre o Teatro do Oprimido que auxilie nesse processo reflexivo, nos ajudando a acessar profundidades que vão além do sistema social vivenciado.

## REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. São Paulo: Cosac Nayf, 2015.

BOAL, Augusto. **O Arco Íris do Desejo: o método Boal de teatro terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 9ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BOFF, Leonardo. **O Despertar da Águia**. 12ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CONCEIÇÃO, Flavio da. **A Estética de Boal - Odisseia pelos sentidos**. Rio de Janeiro: Mundo Contemporâneo, 2018

CONCEIÇÃO, Flavio da. **Do Teatro Engajado ao Teatro do Oprimido: avanços na metodologia boaleana**. Caderno GIPE CIT, Salvador, ano 22, n 40. p 8-27, UFBA: 2018.

COSTA, Iná Camargo. **Agitprop E Teatro Do Oprimido**. Instituto Augusto Boal, 2017. Disponível em: <http://augustoboal.com.br/2017/03/15/agitprop-e-teatro-do-oprimido-texto-de-ina-camargo-costa/>. Acesso em: 22 de junho de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://www.anarquista.net/wp->

---

<sup>4</sup> O Gesto da Floresta é um Programa de Extensão e Pesquisa coordenado pelo prof. Dr. Flavio da Conceição na Universidade Federal do Acre que conta com a participação de estudantes da graduação e da pós-graduação do Acre e de outras partes do Brasil.

content/uploads/2013/07/Pedagogia\_do\_Oprimido-Paulo-Freire.pdf. Acesso em: 01 de Dezembro de 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TRONCOSO, Ana Lucero Lopes. **Axiologia Y Espiritualidade de la Estética del Oprimido**. Tese, Maestría en Estética y Arte, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, Puebla, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.